

IDEOLOGIA E CULTURA NO BRASIL: SUGESTÕES PARA UMA ANÁLISE DO NOSSO PROCESSO CULTURAL, À LUZ DA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE.*

Dulce C.A. WHITAKER**

RESUMO: A ideologia da cultura no Brasil, abordada do ponto de vista de uma cultura mais e mais administrada e burocratizada. Os problemas decorrentes da falta de integração cultural do país — integração esta obstaculizada a nível da ideologia — e a necessidade de se formular uma teoria que dê conta dos mecanismos ideológicos engendrados nesse processo, e que atuem a nível do cotidiano, destruindo as possibilidades integradoras do processo cultural.

UNITERMOS: Ideologia; cultura; indústria cultural; Escola de Frankfurt; colonialismo cultural; imperialismo; desintegração cultural; cultura de Mosaico.

“A cultura cria a ilusão de uma sociedade digna do homem, ao passo que não existe tal sociedade” (20)

A proposta deste artigo é a de estabelecer algumas relações entre certas práticas culturais e algumas ideologias. Não se tem aqui, evidentemente, a pretensão de equacionar definitivamente um problema de tal complexidade. Pretende-se, tão-somente, levantar alguns aspectos concernentes ao fato de que a cultura, tal como é “dissecada” em alguns ensaios escritos por intelectuais da Escola de Frankfurt, pode ser desmascarada em seus aspectos ideológicos, tanto no nível da cultura global, vista pelo ângulo da Antropologia como no da cultura intelectualizada ou erudita (principalmente quando esta se degrada em Indústria Cultural).

Com efeito, a cultura científica ou filosófica não escapou às penetrantes e atormentadas reflexões críticas de alguns

destes pensadores, conforme se pode observar em Adorno, por exemplo:

“Ninguna teoria escapa ya al mercado: cada una de ellas es puesta a la venta como possible entre las diversas opiniones que se hacen la competencia; todas son expostas para que elijamos entre ellas, todas son devoradas” (1)

O que resulta (para nossas mentes) após a leitura de alguns ensaios desses autores? A convicção, talvez, de que é preciso aprender a raciocinar como eles para compreender os dilemas e os impasses da nossa cultura. Tendo vivenciado uma época histórica em que se aguçaram as contradições entre os ideais forjados pela burguesia em sua ascensão e a irracionalidade de sociedades que se fundamentavam nas mesmas bases burguesas que produziram tais ideais, tais pensadores, viti-

* Este artigo foi escrito a partir do trabalho de avaliação preparado para o curso “Processo Ideológico e Processo de Desenvolvimento” ministrado a nível de Pós-Graduação pelo Prof. Dr. Gabriel Cohn na Universidade de São Paulo.

** Departamento de Ciências Sociais e Filosofia — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14.800 — Araraquara — SP.

mas eles próprios de tais irracionalidades, alargaram extraordinariamente a capacidade crítica que lhes era dada pelo raciocínio dialético. Tal capacidade se exacerbou em relação à sociedade burguesa e à voracidade com que essa sociedade devora seus melhores ideais, transformando-os ora em mercadorias, ora em “amortecedores” destinados a neutralizar qualquer forma de criatividade que possa gerar transformações estruturais legítimas na direção dos objetivos que ela própria formulou durante os períodos de luta contra o pensamento feudal. Veja-se, por exemplo, a reflexão profunda e apaixonada que faz Adorno em “Meditaciones sobre la Metafísica”, sua amargura diante da prova irrefutável do “fracasso da cultura” dada por Aushwitz e seu espanto de que esses fatos tenham podido ocorrer em meio “a uma tradição filosófica, artística e científico-ilustradora” (1). Igualmente, o doloroso diagnóstico que faz junto com Horkheimer, a respeito da constelação de fatores que atuam na produção e manutenção do anti-semitismo (2).

Pensadores enciclopédicos, esquadriharam com os instrumentos de uma teoria crítica da Sociedade, todos os campos do saber, desde a visão crítica do Iluminismo, até o que se poderia chamar uma psicologia das profundezas, passando pelo campo da política e da estética, onde alguns como Adorno e Benjamin se permitiram interpretações políticas a respeito de aspectos tão abstratos quanto as composições musicais (20).

Para tanto, desenvolveram esquemas de raciocínio dialético que permitem atingir os níveis mais profundos dos fenômenos humanos, apreendendo-lhes as essências em todas as suas contradições. Tal modo de raciocinar, principalmente em Adorno e Horkheimer, penetra as formas

mais dissimuladoras dos fenômenos sociais. Exercícios mentais, que, quando apreendidos, permitem uma análise do social, em que a transparência em relação a propósitos e intenções subjacentes se acentua grandemente. Este artigo sugere a necessidade de se construir, nos países dependentes, uma teoria crítica da sociedade e da cultura, a exemplo do que fizeram principalmente Adorno e Horkheimer em relação à cultura “administrada” dos países avançados *. Evidentemente colocam-se aqui apenas sugestões para uma primeira reflexão, o que se fará em três níveis, a saber:

- I. Os múltiplos enfoques da Cultura
- II. Controvérsias a respeito do conceito de Ideologia e opção de Horkheimer.
- III. Os dilemas da cultura à luz desse conceito de Ideologia.

I. A CULTURA E SEUS MÚLTIPLOS ENFOQUES

O conceito de cultura em suas definições antropológicas não é facilmente aplicável às sociedades de classes, já que nestas, tanto as práticas ditas materiais como as crenças e os conhecimentos variam consideravelmente em função das desigualdades sociais. Mais difícil ainda se torna a aplicação do referido conceito, quando se pensa em países do chamado 3.º mundo, onde às formações históricas específicas correspondem culturas específicas (hoje em graus variáveis de desintegração, após a imposição de valores dados como absolutos pela cultura ocidental que chega a esses países sob a forma da dominação dada pelo Imperialismo).

Já o conceito de cultura encontrável na obra de Weber, sob o rótulo de cultura ocidental, refere-se muito mais àquela parte das práticas, técnicas e conhecimen-

* Para estes autores, teria havido nesses países, uma dialética negativa através da qual a racionalidade histórica do Iluminismo produziu a irracionalidade burocrática de uma cultura a serviço do poder, capaz de justificar todas as distorções produzidas pelo capitalismo.

tos obtidos a partir da intelectualização de uma parte da sociedade, e que atende ao qualificativo de "Racional".

Tal conceito de cultura se choca com conceito antropológico, porque produz a impressão de que cultura é apanágio apenas das classes privilegiadas urbanas das sociedades industriais (e realmente quando tomada nesse sentido ela o é).

E a cultura das outras camadas sociais (classes subalternas), como fica? O impasse pode ser resolvido pela utilização do conceito de subcultura, o qual, segundo Ruth Cardoso, tem a "capacidade de descrever a ambigüidade dos grupos sociais a que se aplica, os quais, por suas particularidades culturais se distanciam do modo de vida dominante, mas não sobrevivem, ou melhor, sequer definem seus limites, senão com relação à sociedade mais ampla" (6). Esta autora chama a atenção para o caráter conflitivo e dinâmico de toda cultura. Daí a formação, principalmente na vida urbana, de várias subculturas que se articulam, com relações de dependência*. É possível deduzir que a articulação entre as várias classes sociais significa em última instância a articulação entre as várias subculturas (A cultura intelectualizada aparece então como cultura dominante (cultura propriamente dita, no sentido da erudição). Embora tal nível cultural erudito seja uma síntese das várias subculturas, possui muito poucos elementos culturais oriundos dos grupos dominados.) /Ocorre então o paradoxo fundamental da escola brasileira, que é o de se tentar impor às crianças das camadas subalternas, as resultantes culturais para cuja produção pouco ou nada fizeram seus representantes. Daí o maior grau de violência simbólica ligada à ação pedagógica em nosso país**.

É preciso lembrar que nossa História Cultural está marcada pelo rural e revela

sucessíveis ondas de dominação, com aspectos marcadamente desintegradores, o que impediu sempre uma evolução harmoniosa das práticas, das técnicas e das crenças que ela formava***. Reduzida aos fragmentos folclóricos, obscurecida pela História asséptica das elites brancas, tal substância cultural vem sendo cada vez mais destruída pelo poderio eletrônico e tecnológico da indústria cultural.

Em nosso país, portanto, a cultura aparece como síntese das várias subculturas, com a predominância de uma cultura dada como legítima, da qual se irradiam as orientações que devem ser dadas no tratamento do problema cultural. Tais orientações evidentemente se situam em esferas onde o conceito de cultura perde sua conotação antropológica e se aproxima muito mais da idéia do refinamento espiritual. Este aliás é um conceito encontrável em pensadores de origens e formações tão diversas como Bordieu (A Economia das Trocas Simbólicas), Adorno & Horkheimer, o já citado Weber e até o próprio Gramsci, embora em muitos momentos tão preocupado com o problema das classes populares (10).

Estas colocações, que forçosamente resultaram fragmentárias (resultado da fragmentação do próprio objeto sobre o qual se discorre), se não ajudam a resolver o impasse teórico entre a cultura dos dominantes e a cultura dos dominados, acabam colocando a seguinte questão: O que é realmente cultura? Seu caráter multifacetado, dado pela divisão da sociedade em classes e acentuado cada vez mais pela dinâmica histórica mundial torna cada vez mais difícil a sua definição. Acrescente-se, ainda, que os fenômenos da dominação dão as diretrizes através das quais certos critérios tornam-se definidores da validade das obras culturais. Paralelamente,

* Veja-se a respeito - *Whitaker, 1980*

** Para o conceito de Ação Pedagógica dotada de violência simbólica, veja-se Bourdieu & Passeron - 1975.

*** Para discussão mais ampla desse problema veja-se Whitaker-1981 em que se discute implicações entre subculturas e o processo educacional.

a degradação da cultura burguesa em indústria cultural, o que, segundo as análises dos autores da Escola de Frankfurt, ocorreu após o seu apogeu, torna a cultura instrumento de fácil manipulação pelas ideologias, já que segundo esses mesmos autores, a existência da arte como força social crítica é bastante precária.

Na parte final deste trabalho voltaremos a este ponto. Antes, porém, é preciso situar o conceito de ideologia em que se apoiavam estas reflexões.

II. O CONCEITO DE IDEOLOGIA: AS CONTROVÉRSIAS A RESPEITO E O CONCEITO DE IDEOLOGIA E A OPÇÃO DE HORKHEIMER

A história é testemunha de que sempre existiram ideologias destinadas a “conter” a análise da existência dentro dos limites suportáveis por cada organização social. Na Antiguidade e até a Alta Idade Média, as gigantescas racionalizações coletivas eram produzidas por religiões, nas quais o arranjo entre as mitologias e a natureza propiciavam as explicações e as justificativas necessárias a sancionar dominações e desigualdades. Basta citar, como exemplo, a adequação perfeita, quase simétrica, entre o sistema social de casta da Índia e o bramanismo. Nas épocas em que uma religião totalizadora permeou realmente todo o sistema cultural, não foi fácil perceber o caráter mistificador e ideológico das crenças e valores a partir dos quais se plasmava a sociedade. Se tal ocorresse, seria a nível de algum indivíduo, o qual forçosamente se tornaria “maldito” pela sociedade.

Talvez pudéssemos destacar como excessão a Grécia Antiga, onde a religião nunca teve (ou perdeu em determinado momento da evolução cultural da cidade-estado) o caráter de monopólio da explicação dos fenômenos da natureza. Por isso foi possível aquilo que os historiadores entendem como “O Milagre Grego” — um conjunto de tentativas de explicar os fenômenos da natureza e outros de manei-

ra racional, abandonando as fundamentações místicas.

O senso de racionalidade dos gregos submergiu após as vicissitudes históricas que deram à Igreja e ao clero, na Idade Média, novamente o monopólio do saber, através do qual o mundo voltou a ser explicado a partir do sagrado. Somente no final da Baixa Idade Média começa a se romper tal monopólio, que os clérigos tentavam ainda manter firmemente em suas mãos. A Renascença assiste à emergência de intelectuais não-clérigos e a educação passa lentamente para as mãos dos humanistas. Intensifica-se o comércio, e o contato com o Oriente ajuda a relativizar o pensamento, que agora conta ainda com os recursos da experimentação. A Teoria dos Idola de Bacon, a partir do Iluminismo, a descoberta do papel das “paixões” na percepção, a idéia de que as paixões podem ser canalizadas frutiferamente pelo conhecimento, a descoberta pelos sensualistas da influência das funções sensoriais sobre o pensamento, as contribuições de Freud e Pareto constituem alguns dos passos gigantes dados pelo desenvolvimento intelectual da humanidade no sentido da descoberta da maneira como os homens pensam. Não é tarefa para este trabalho citar todas as contribuições feitas através da História, na direção dessas descobertas, o que fugiria aos propósitos do mesmo. Ao criticarem o materialismo mecanicista que situava o sujeito como determinado passivamente pelo ambiente, descobriram, equacionaram e reconstruíram em todas as suas dimensões os mecanismos formadores das Ideologias. Conforme Milic (17).

“Si se considera que los análisis críticos de Marx — en particular cuando el los ha elaborado y no aparecen como simples notas marginales — no determinan solo la posición histórico socialmente condicionada de una idea, sino que dilucidan en profundidad su contenido y su estructura conceptual, y a menudo hasta intentan

aclarar su gênesis psicológicas, se comprenderá que inagotable fuente constituye su obra para la sociología del conocimiento” (17).

Partindo da obra de Marx, Mannheim estudou a vinculação entre diferentes formas de pensamento e o momento histórico em que foram produzidas, e demonstrou a impossibilidade da existência de um intelecto puro, trabalhando na apreensão do real, dada a inexistência de uma verdade absoluta numa realidade em mudança que necessariamente gera formas de pensamento cambiantes (14).

✓ A literatura a respeito do conceito de Ideologia é rica. Sobre ele trabalharam não só filósofos e sociólogos como também psicólogos, historiadores, cientistas políticos, etc. Para o que está aqui proposto, no entanto, é suficiente observar como alguns pensadores da Escola de Frankfurt enfrentaram o problema. Especificamente, levam-se em conta aqui as críticas feitas por Horkheimer ao conceito de Ideologia Total de Mannheim, tal como está exposto em *Ideologia e Utopia* (14).

Horkheimer critica em Mannheim, o que se poderia chamar sua “traição” ao pensamento marxista, cujo materialismo sempre ressaltou o aspecto do ser (existência real terrena) como verdadeiro, enquanto a Sociologia do Conhecimento de Mannheim significa um retorno à filosofia idealista clássica (11).

Tanto Horkheimer como Adorno, ao criticarem a Sociologia do Conhecimento tal como a expressa Mannheim, dão mais uma amostra da capacidade que desenvolveram no sentido de detectar a maneira como as idéias mais revolucionárias são “assimiladas” pela ordem intelectual do capitalismo, e como um aparente avanço das ciências do comportamento pode significar uma tentativa de “apaziguamento” de teorias que foram, na sua origem, muito mais revolucionárias. (Veja-se por exemplo — *La revisión del psicoanálisis*,

onde Adorno usa o mesmo procedimento em relação a Karen Horney.) (3).

Em Ideología y Acción, Horkheimer situa as perplexidades que assaltam o intelectual diante do “esvaziamento” do conceito de Ideologia e preconiza que tal conceito seja preservado em suas origens históricas, isto é, que seja reservado para aquilo que é antitético com respeito à verdade, e ao saber que é inconsciente da sua dependência (11).

É sobre esse conceito de Ideologia que se baseiam as propostas deste trabalho.

III. OS DILEMAS DA CULTURA À LUZ DESSE CONCEITO DE IDEOLOGIA

A primeira parte deste trabalho, situou o caráter multifacetado da cultura nas sociedades de classe, caráter esse que por circunstâncias históricas se agrava nos países do 3.º mundo, onde, como no caso do Brasil, sucessivas ondas de dominação econômica parecem desencadear processos desintegrativos sucessivos, ao nível da cultura. As descaracterizações e as desintegrações culturais que ocorrem no 3.º mundo e que foram denunciadas nas obras de pensadores que sofreram diretamente suas ações como Fannon e Memmi estão também teorizados por intelectuais críticos brasileiros como Otácio Ianni e Darcy Ribeiro. Transparecem, ainda, na ótica de intelectuais europeus como Chesneaux que descreve a contradição intensa que se forma ao longo da história (após a integração mundial operada pelo capitalismo) entre a realidade de cada povo e a “tendência à interdependência planetária de todos os grupos humanos” (Chesneaux-1976)*.

Quando se pensa na realidade própria de cada povo é preciso reter o conceito de cultura em seu significado antropológico, significado este que tem muito que

* Veja-se Whitaker — 1980 — obra citada.

ver com prática de vida dos grupos humanos. Isto nos remete ao fato incontestável de que, em qualquer nação onde tenha ocorrido um desenvolvimento científico e intelectual integrados, os fundamentos e anteparos desse desenvolvimento estavam numa cultura material harmoniosamente desenvolvida. Dessa esfera material, dialeticamente influenciando sobre ela, emanaram os conceitos a partir dos quais se organizou a sofisticação tecnológica e o brilho espiritual que formam a esfera da cultura chamada erudita. Tal harmonia é clara, por exemplo, na evolução do pensamento europeu a partir da Renascença, quando o comércio material dos homens intensificou o seu comércio espiritual, como diriam Marx e Engels.

A Revolução Industrial é a explosão natural de tão notável estimulação histórica e não sem razão ocorrem, paralelamente, na Europa, uma revolução intelectual (o Iluminismo) e uma revolução política (a Revolução Francesa).

Para os povos que viveram tais revoluções de maneira reflexa, as transformações sociais e culturais foram muito mais difíceis e em alguns casos nem ocorreram, porque os empréstimos culturais traziam em seu bojo as ideologias necessárias à manutenção da dominação — já que nada alterava o fato de que esses povos estavam destinados a produzir o excedente econômico que a Europa (e seus sucessores) necessitavam para sustentar o brilhante edifício intelectual que construíam. Por isso a organização da cultura nos países colonizados exhibe, ainda mais do que nas suas metrópoles, o caráter de “cultura administrada”, que Adorno e Horkheimer detectaram nas sociedades onde avançava o capitalismo monopolista (3). Aliás, os esquemas de raciocínio construídos e utilizados pelos ensaístas e pesquisadores da Escola de Frankfurt são extraordinariamente funcionais para análise da realidade desses países, principalmente no que se refere ao momento brasileiro. Talvez isso se dê porque o tipo de capitalismo selva-

gem e tardio que enfrentamos, constrói situações muito semelhantes àquelas descritas por Slater, em relação à Alemanha dos anos 20 e 30, época em que floresceu a Teoria Crítica da Sociedade.

Embora se tenha que levar em conta acentuadas diferenças históricas concretas entre a evolução da A. Latina e a evolução da Europa — além da diversidade de cada país europeu e de cada país latino-americano — não há como fugir ao fato de que a submissão de uma sociedade às injunções de grandes corporações oligopolistas ou monopolistas (bem como as ingerências do Imperialismo) engendram, no plano político, mecanismos totalitários destinados a facilitar as tarefas da exploração. Atente-se, por exemplo, para este trecho, em que Slater descreve as condições de exploração a que esteve sujeita a nação alemã, e consequentemente sua classe operária, durante a República de Weimar.

“Com o caos econômico que se seguiu à I Guerra Mundial — o estabelecimento da República de Weimar e o imperialista Tratado de Versalhes — vastos capitais foram acumulados com moeda sem valor e grandes empresas compraram outras menores por preços ridiculamente baixos. Desse modo o crescimento do monopólio avançava de vento em popa. Mas não havia capital realmente operante, assim como qualquer garantia para a base capitalista da República. O capital necessário para estabilizar essa República veio dos Estados Unidos, que considerava a Alemanha derrotada, com sua alta capacidade de produção, um investimento lucrativo. Ao Plano Dawes, de agosto de 1924, seguiu-se o maciço Empréstimo Dawes e inúmeros empréstimos individuais. A produção em massa sobre uma base monopolista foi retomada com fervor.

A Alemanha deveria recuperar-se economicamente a fim de poder pagar, com fantásticas reparações, uma fatia adicional de sua riqueza nacional, em forma de juros aos americanos. *Portanto, os*

lucros que o capitalismo monopolista alemão tinha que gerar eram fenomenais, assim como o eram os encargos concomitantes a serem lançados sobre a classe operária do país” (20).

Este autor destaca ainda a transferência de técnicas de produção americana para as fábricas alemãs com aumento da intensidade do trabalho, e o crescimento significativo no índice de acidentes de trabalho. Com alguns retoques, suas observações são aplicáveis ao momento brasileiro.

É de se pensar portanto que guardadas as devidas diferenças resultantes das diferentes evoluções históricas, circunstâncias semelhantes entre as angústias alemãs da década de 20 e o momento histórico brasileiro tornam atualíssima a maneira crítica como os pensadores da escola de Frankfurt analisaram a sociedade de seu tempo, esquadrinhando todos os setores culturais, dissecando-os quase impiedosamente, e descobrindo seus aspectos mais dissimulados, num verdadeiro processo de desmascaramento. Daí os caminhos tortuosos dos raciocínios utilizados, principalmente por Adorno e Horkheimer. Difíceis de serem acompanhados, a princípio, quanto mais neles nos aprofundamos melhor percebemos as vantagens dessa maneira crítica de pensar.

A digressão acima, um pouco longa, tornou-se necessária, no sentido de se justificar o tipo de crítica que este trabalho propõe em relação à cultura no Brasil. Evidentemente, é preciso criar uma constelação teórica que permita um desmascaramento tão completo como aquele que foi forjado a partir da escola de Frankfurt. Em relação aos aspectos econômicos da dominação imperialista já se pode contar com toda uma teoria. A crítica da ideologia também já foi iniciada. Ela ainda não foi suficientemente desenvolvida, no entanto, para permitir o desmascaramento total da maneira como estamos sendo colonizados. Com este trabalho

pretende-se apenas situar alguns dos principais pontos que devem ser equacionados para elaboração dessa crítica, e do instrumental teórico que ela exige.

Talvez o primeiro ponto a lembrar seja o fato de que no Brasil não existe uma cultura integrada. Conforme já se demonstrou, as diversas subculturas brasileiras formam um conglomerado submisso à cultura dominante — *esta cada vez mais administrada*. O caráter burocrático dessa cultura administrada tem sido denunciado por todos aqueles que sofrem seus efeitos, desde aqueles que trabalham no campo artístico até aqueles que militam no campo educacional, cada vez mais controlados pelo Estado. A indústria cultural desempenha com eficácia seu papel de amortecedor cultural, principalmente através da TV, que destila sutilmente os anestésicos necessários à manutenção da dominação, enquanto coloridas revistas semanais “informativas” ajudam a construir uma espécie de “cultura de mosaico” (formada de fragmentos distorcidos de notícias superficiais sobre os acontecimentos mundiais e nacionais). A folclorização da cultura popular conforme demonstrou Otávio Ianni corresponde aos desígnios da dominação. (Os conhecimentos das classes dominantes são científicos ou intelectuais, enquanto o do povo é folclore.) (12). No campo educacional é cada vez mais aguda a separação entre as classes sociais. À medida que os filhos das classes subalternas avançam até a 8.^a série ou chegam a fazer o 2.^o Grau, torna-se mais intensa a fuga das elites para as escolas particulares, cujas mensalidades tornam-se cada vez mais caras — algo que sempre existiu como tendência, mas que hoje se está cristalizando cada vez mais com nitidez. Quando o próprio Estado através da distribuição da sua rede física determina que seus alunos frequentem escolas nos bairros onde residem, fica patente a intenção de reforçar a estratificação e segregação entre os vários estratos sociais. Conseqüentemente, segregam-se

subculturas. É preciso portanto exercer uma crítica tão aguda e implacável como aquela que desenvolveram Adorno e Horkheimer em relação à sua época, no sentido de pôr a nu o constante trabalho ideológico que se faz no sentido de evitar a integração da cultura no Brasil. Num primeiro exame é possível perceber como fazem parte dessa ideologia, por exemplo: as doutrinas sobre a nossa capacidade para produzir tecnologia, sobre as influências do trópico ou da latinidade sobre nosso caráter cultural; preconceitos de cor e de raça que podem ser detectados até em obras de autores progressistas como Jorge Amado*; um certo anti-semitismo que tem sido usado politicamente contra cientistas e intelectuais até mesmo por órgãos ligados ao governo; a destruição do patrimônio histórico em geral, mas principalmente a parte da nossa memória que se refere às classes dominadas ou aos setores mais contestadores da sociedade (caso da demolição do prédio da UNE, por exemplo).

É preciso chamar atenção ainda para certos setores da indústria cultural onde a manipulação do consumidor é mais facilmente desmascarável e onde se joga realmente com todos os trunfos da dominação, desde o poderio econômico até as mais modernas técnicas de “marketing”.

É evidente que fatos do tipo acima ocorrem em qualquer sociedade industrial (Veja-se por exemplo, Lowenthal — 1971). Quando tais “artimanhas” ideológicas são realizadas, porém, no quadro de uma cultura integrada, cuja evolução histórica não sofreu as várias formas de dominação engendradas pelo Imperialismo, há algumas probabilidades de que seus efeitos maléficos sejam neutralizados, ou pelo menos minimizados, através de mecanismos que a própria cultura engendra na forma de contra ideologias. A própria educação escolarizada, em que pese o seu caráter domesticador, deve fornecer diale-

ticamente, o aparato teórico necessário à reflexão crítica sobre a ideologia da dominação.

Numa sociedade como a nossa, porém, onde existem diferentes espaços culturais, os vários níveis de cultura apenas submissos e articulados, raramente integrados, e onde a maior parte da população nem freqüenta escolas, ou o faz em condições precárias durante muito pouco tempo, a ação ideológica não encontra barreiras significativas à disseminação de seus conteúdos, a não ser em setores muito específicos da sociedade, que se encontram de certa forma “divorciados” do sistema global.

A incipiente integração cultural que nos caracteriza, e a fragilidade cultural como decorrência, permitem que se instale nos “vazios” que separam as várias subculturas, conteúdos ideológicos colonialistas, frente aos quais os agentes humanos abandonam práticas culturais cuja utilidade nunca havia sido contestada anteriormente.

Costuma-se dizer que no Brasil só sobrevive a memória da classe dominante, porque a nossa Historiografia retrata nossa evolução do ponto de vista dessa classe, ignorando todos os fatos que possam solapar o mito das tradições pacíficas e de harmonia com que se teriam dado todos os nossos eventos históricos. É preciso observar, no entanto, que a destruição do nosso patrimônio histórico em vários momentos deixou de respeitar os próprios conteúdos culturais da classe dominante, os quais, em nome do progresso foram ora destruídos, ora relegados ao abandono e à deterioração pelos poderes públicos. Tais descasos, que caracterizaram e caracterizam ainda as próprias burocracias nomeadas e sustentadas pela dominação, só adquirem sentido quando se observa a cultura à luz dos conteúdos ideológicos que a informam. Tais conteúdos, forjados por influência externa, devem

* A esse respeito veja-se — Nascimento, Abdias — 1978.

ser detectados. Para tanto nossa cultura deve ser dissecada, utilizando-se para isso esquemas de raciocínio semelhante àqueles que foram usados pelos ensaístas de Frankfurt.

Não são suficientes o equacionamento da nossa dependência econômica e a denúncia do caráter imperialista dos programas assistenciais e o auxílio com os quais temos sido “brindados” (Já tem sido denunciado, também, o funcionamento da máquina propagandística que nos sufoca). É preciso ir além, descobrindo os mecanismos ideológicos mais sutis: aqueles que, ao nível da própria cultura do cotidiano, preparam as bases que têm sustentado um colonialismo cultural dia a dia mais vigoroso.

A propósito, veja-se o que a tal respeito escreveu Horkheimer:

“Hoy, en los países antes coloniales, se alcanza la transición rápidamente, sin contemplaciones, de un modo radical. En ellos, los nativos se exigen en la actualidad a si mismos, bajo sus dictadores, no menos de lo que les habian exigido los imperialistas del siglo XIX; y la parsimonia, la falta de adaptación, ya no se toman hoy como indolencia, sino como traición a la comunidad popular. Ya Hitler y Stalin querian dar alcance a viva fuerza a un funcionamiento de la industria, en los países más adelantados, que no se ve estorbado por ningún residuo (...) el nacionalismo exacerbado de los países atradados corresponde actualmente al mismo impulso hacia una industrialización rabiosa, hacia la producción de bienes de consumo para el pueblo y de artículos de lujo de prestigio, hacia el armamento y hacia el metamorfosea-

do aparato policiaco y de propaganda dirigido a la dominación; se extirpan la apatia y la fragilidad de los individuos; todos tienen que aplicarse a si mismo la poderosa disciplina, y quien no sea capaz de ello tiene que desaparecer. A la vista del imperio jamás imaginado de los poderes mundiales, las masas nativas sienten su pobreza como una ignominia; el nuevo orgullo nacional es la furia - transformada - por su miseria y a la vez por los grilletes que les encadenan a sus señores autóctonos? las elites y los astutos caudillos de los pueblos afroasiáticos sacan sus fuerzas de la indomable voluntad de tener sus propios milagros económicos, y las masas marchan entusiastamente a su lado por lo mismo. Se odia cuanto ha precedido, se reniega abstractamente de ello y se rompe y deriba barbaramente; a lo sumo, una historia extinguida de ha mucho, aderezada a su gusto con todas las glorias, sirva como símbolo propagandístico de la renovación nacional. Tales procesos, en los que se liquida el verdadero pasado en lugar de asumirlo y llevarlo más alla, están ligados de fijo con la exterminación de grupos humanos enteros, y la maldición del terror organizado durante la transición ha desempeñado siempre un papel en el interior mismo de la nueva forma de la sociedad que debe su ser a aquél”. Horkheimer - *La Filosofía como crítica de la cultura*. In: Adorno y Horkheimer. 1970.

Indiscutivelmente, à teoria crítica da sociedade, tal como foi manejada por Horkheimer, nada escapou: nem os pretensiosos “milagres econômicos” da periferia do capitalismo mundial...

WHITAKER, D.C.A. — Ideology and culture in Brazil: suggestions for an analysis of the cultural process, from the perspective of the society critical theory. *Perspectivas*, São Paulo, 5: 5-14, 1982.

ABSTRACT: *The ideology of culture in Brazil is approached from the point of view of a more and more administered and bureaucratic culture. The problems which originate from the lack of the country cultural integration — integration which may have ideological obstacles — and the necessity to built up a theory which is able to explain the ideological mechanisms engendered in this process, destroying the cultural process integrative possibilities, systematically.*

KEY—WORDS: *Ideology; culture; cultural industry; Frankfurt Group; cultural colonialism; imperialism; cultural desintegration; “mosaico” culture.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADORNO, T.W. — *Dialética negativa*. Madrid, Taurus, 1975.
2. ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. — *Dialéctica del iluminismo*. Buenos Aires, Ed. Sur, 1970.
3. ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. — *Sociológica*. Madrid, Taurus, s.d.
4. BOURDIEU, P. — *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectivas, 1974.
5. BOURDIEU, P. & PASSERON, J.C. — *A reprodução*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
6. CARDOSO, R.C.K. — Subcultura uma terminologia adequada? *Cadernos de Pesquisa*, (19), 1975.
7. CHESNEAUX, J. — *Du passe, Faisons Table Rose*. Paris, François Maspero, 1976.
8. COHN, G. — *Sociologia da comunicação*. São Paulo, Pioneira, 1973.
9. FANNON, F. — *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro, s.c.p., 1979.
10. GRAMSCI, A. — *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
11. HORKHEIMER, M. — Un nuevo concepto de ideología? In: LENK, K. *El concepto de ideología*. Buenos Aires, Amorrortu Ed., 1971.
12. IANNI, O. — *Imperialismo e cultura*. Petrópolis, Vozes, 1976.
13. LOWENTHAL, L. — Perspectivas históricas da cultura popular. In: COHN, G. — *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo, Ed. Nacional, 1971.
14. MANNHEIN, K. — *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
15. MARX, K. & ENGELS, F. — *La ideología alemana*. Montevideu, Ed. Pueblos Unidos, 1959.
16. MEMMI, A. — *Retrato do colonizado, precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
17. MILIC, V. — La relación entre sociedad y conocimiento en la obra de Marx. In: LENK, K. — *El concepto de ideología*. Buenos Aires, Amorrortu Ed., 1971.
18. NASCIMENTO, A. — *O genocídio do negro brasileiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
19. RIBEIRO, D. — *Configurações culturais dos povos americanos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.
20. SLATER, P. — *Origem e significado da Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
21. WEBBER, M. — *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1967.
22. WHITAKER, D.C.A. — *A seleção dos privilegiados*. São Paulo, Ed. Semente, 1981.
23. WHITAKER, D.C.A. — Cultura e dependência. Os problemas educacionais brasileiros nas perspectivas da cultura. *Perspectivas*, 3, 9-18, 1980.